

EDUCAÇÃO DO CAMPO E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM ESPAÇO NÃO ESCOLAR: OLHARES, SABERES E FAZERES

Hosana Torres de Araújo¹
Alisson Clauber Mendes de Alencar²
Fabiano Custódio de Oliveira³

Resumo

O artigo “Educação do Campo e práticas pedagógicas em espaço não escolar: olhares, saberes e fazeres” foi estruturado a partir da experiência desenvolvida com um grupo de adolescentes de uma comunidade campesina, situada na zona rural do município de Sumé - PB. Tivemos como *locus* de atuação, a Associação Rural Comunitária Beneficente dos Sítios Olho D’água Branca e Cabeça Branca. A partir de diálogos com a presidente da associação, foi desenvolvida uma proposta pedagógica articulando os saberes dos jovens da comunidade com o intuito destes sujeitos se perceberem enquanto indivíduos produtores de conhecimento, valorizando assim suas práticas cotidianas e seu território. Foi criado um grupo de ajuda mútua intitulado “Pequenos Girassóis, Grandes Sementeiras”, que possui como objetivo a produção de hortas orgânicas, nas dependências da associação, com a finalidade do fortalecimento dos vínculos camponeses e da consciência da educação ambiental.

Palavras – chave: Práticas Educativas; Associação Comunitária; Território Campesino.

Introdução

O presente artigo foi construído a partir das vivências no Estágio Curricular Supervisionado I do curso Interdisciplinar de Licenciatura em Educação do Campo, na Universidade Federal de Campina Grande no Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido – UFCG/CDSA, que se caracteriza por alicerçar uma perspectiva formativa que transcende o ambiente formal da educação básica, a escola.

Este estágio ocorre em espaços não formais de educação, que podem e devem ser percebidos enquanto *locus* de sociabilidade e práticas que se relacionam, de modo significativo, com a perspectiva educativa Freire (2005) de empreender, construir e promover transformações sociais, tendo como protagonistas, os sujeitos envolvidos no processo, e ainda torna-se fundante, um diálogo na construção de saberes para que os envolvidos no processo se percebam na condição de cidadãos críticos e reflexivos.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Campina Grande / Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido – UFCG/CDSA, hosanataraujo@gmail.com;

² Graduando do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Campina Grande / Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido – UFCG/CDSA, alissonclauber@gmail.com;

³ Professor orientador: Doutor Associado da Universidade Federal de Campina Grande / Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido – UFCG/CDSA, fabiano.geografia@gmail.com;

Partindo deste pressuposto e dos diálogos empreendidos no referido componente curricular, traçamos como objetivos para este artigo apresentar as práticas educativas construídas e percebidas em ambiente não escolar, bem como os desafios enfrentados para sua implementação.

O referido estudo foi desenvolvido a partir de uma experiência construída com um grupo de adolescentes de uma comunidade campesina, situada na zona rural do município de Sumé, Cariri Ocidental paraibano. Tivemos como *lócus* de atuação, a Associação Rural Comunitária Beneficente dos Sítios Olho D'água Branca e Cabeça Branca, (ASCOBODABCAB), espaço destinado para reuniões dos associados.

A função de uma associação rural é planejar e buscar melhorias para a comunidade, articulando-se com os órgãos públicos e, ao mesmo, tempo pensar na estrutura e desenvolvimento da mesma, com o intuito de manter a união e fortalecimento das famílias no território em que residem.

Diante deste entendimento, associativo, arquitetamos uma proposta educativa neste espaço de educação não formal, direcionado aos jovens da comunidade, com o objetivo de desenvolver junto com estes indivíduos, hortas e canteiros agroecológicos, promovendo assim um diálogo entre a educação ambiental em sincronia com práticas pedagógicas de caráter colaborativo, fazendo com que, aquele espaço, que antes fora destinado, exclusivamente para reuniões, agora viesse a tornar-se, um ambiente de formação, trabalho e educação.

Através de grupos de ajuda mútua, pudemos construir e implantar, efetivamente, uma horta solidária e sustentável, no interior das dependências da associação. Atuamos na perspectiva de fazer com que os jovens permaneçam na comunidade e vislumbrem as possibilidades e potencialidades que podem ser construídas de modo solidário e numa perspectiva de educação contextualizada para com a realidade a qual estão inseridos.

Os modos de vida no semiárido são condicionados a partir das formas de convivência e apropriação deste território, bem como das adversidades climáticas, temos, como proposta com este relato, apresentar as possibilidades de desenvolvimento duma prática agroecológica com os jovens de faixa etária compreendida entre 10 e 17 anos, residentes nestes territórios.

Entendemos que, a busca de alternativa que consolidem a permanência de jovens no campo do semiárido é tarefa importante para assegurar às referidas comunidades a sucessão geracional camponesa. O fortalecimento de práticas ligadas a agroecologia, agricultura orgânica ou mesmo desenvolvimento sustentável, já desponta entre as possibilidades de trabalho a serem desenvolvidos nessa região.

O desenvolvimento de uma prática agroecológica, materializada a partir de numa associação comunitária, trás consigo, benefícios que ultrapassam as ações desenvolvidas no ato de construção da proposta, fortalecem os vínculos de pertencimento entre os indivíduos com suas comunidades, bem como os laços afetivos entre estes sujeitos.

Os participantes do projeto realizam suas atividades construindo as práticas propositivas, e que tiveram por intuito desenvolver um senso crítico, que desconstroem determinados estereótipos, que foram disseminados historicamente, na região do semiárido nordestino. Este estágio nos fez compreender que existem outras formas de pensar e fazer educação, e ainda, muitas outras formas de pensar-fazer Educação do Campo. Com os pés fincados na terra e as cabeças articuladas com os saberes-fazeres dos povos camponeses e dos territórios da academia, desenvolvendo práticas ‘com ciência’.

Metodologia

Este estudo possui um caráter exploratório e explicativo, ancorado numa análise, eminentemente, qualitativa de informações, porém, não serão descartados aspectos quantitativos, que merecem ser levados em consideração para um aprofundamento analítico da investigação.

Toda pesquisa científica está estruturada a partir de processo ou procedimentos metodológicos. Porém, nos indagamos, será realmente necessário, para que haja o rigor acadêmico, o enquadramento de uma pesquisa num determinado método ou metodologia? Corroboramos com as ideias de André (2013), onde a mesma aponta que não é a atribuição de um nome que estabelece o rigor metodológico da pesquisa, mas a explicitação dos passos seguidos na realização da pesquisa, ou seja, a descrição clara e pormenorizada do caminho percorrido para alcançar os objetivos, com a justificativa de cada opção feita.

No que tange à escolha de uma possível metodologia de investigação para a análise de um problema, faz-se necessário que o autor da pesquisa tenha a sensibilidade de perceber quais as abordagens que melhor satisfazem seus anseios no intuito de se chegar aos resultados do seu estudo. Sobre a escolha metodológica da pesquisa, Laville e Dionne (1999, p. 44) discorrem que “(...) a pesquisa centra-se em um problema específico, é em virtude desse problema específico que o pesquisador escolherá o procedimento mais apto, segundo ele, para chegar à compreensão visada.” Assim sendo, descreveremos a associação analisada, os sujeitos construtores e o que, durante o estágio em Educação do Campo, foi construído.

A associação está localizada na zona rural do município de Sumé – PB, e atende aos sítios Olho D'Água Branca e Cabeça Branca, possui como finalidade social reunir a comunidade em prol de buscas e benefícios para os membros associados. Porém, ressalta-se que os benefícios abrangem também pessoas que não fazem parte ou não são associadas.

No tocante aos sujeitos que estão envolvidos diretamente com a associação, podemos destacar o quantitativo de sócios, que possuem um total de 46 sendo, 13 do sexo feminino e 33 do sexo masculino. O público participante e beneficiado diretamente e indiretamente podemos destacar que em sua grande maioria são agricultores que sobrevivem da economia familiar, ou da Agricultura Familiar e seus rendimentos giram em torno de aposentadoria ou do funcionalismo público.

Participaram das atividades desenvolvidas no projeto 16 jovens. Estes são de quatro comunidades rurais do município de Sumé: Olho D'água Branca, Cabeça Branca, Bananeira e Balanço. Destacamos, a princípio, que os dias predominantemente, das reuniões eram nos domingos pela manhã, e o fato da grande presença destes sujeitos, nos fez refletir sobre o compromisso e a parceria, firmados conosco e com a proposta dos canteiros agroecológicos.

Apresentaremos o perfil dos sujeitos que participaram da construção e implementação do projeto que foi batizado como “Pequenos Girassóis, Grandes Sementeiras”. Os dados foram obtidos a partir da aplicação de um questionário socioeconômico e cultural, onde tivemos por objetivo conhecer aspectos do cotidiano dos sujeitos e parceiros que deram vida aos momentos de integração, inter-vivência, e troca de experiências.

No tocante ao sexo dos sujeitos participantes do projeto, tivemos 07 meninos e 09 meninas. Ressaltamos que nas comunidades existentes no entorno da associação existem mais jovens e adolescentes, que em conversas informais disseram que tinham interesse em participar, porém, fatores como o transporte para o deslocamento inviabilizaram a participação dos mesmos no referido projeto.

Em relação às idades das crianças, jovens e adolescentes que estiveram participando do projeto de forma incisiva e comprometida, evidencia-se que a predominância etária está no intervalo entre 11 e 15 anos de idade, com 07 participantes nesta faixa etária. Com 16 anos ou mais tivemos 06 participantes e apenas 03 crianças com idades inferiores a 10 anos.

Na terceira pergunta do questionário, alguns dos jovens ficaram em dúvida em relação a sua origem étnica. Nós na condição de mediadores do processo investigativo, esclarecemos que a pergunta versava sobre sua “cor/tom” de pele. Mas sabemos que esta questão, ainda, causa confusão no tocante às identidades dos jovens.

No que concerne às identidades étnicas dos agentes que participaram do desenvolvimento das atividades do projeto, três declararam-se brancos, três declararam-se negros e dez declararam-se pardos. Estes dados são meramente informativos.

No que concerne às comunidades em que os sujeitos residem e desenvolvem suas relações de pertencimento, destacamos que oito jovens são da comunidade Olho D'água Branca, cinco da comunidade Cabeça Branca, dois da comunidade Balanço e um da comunidade Bananeira.

A maioria dos jovens do projeto possuem idades superiores a 10 anos, o que corresponde a um total de 13 sujeitos. Entendemos que este fator possibilitou uma vantagem, pois, em determinadas atividades, eram necessários conhecimentos sobre produção e sobre a terra, e o fato de muitos já realizarem trabalhos semelhantes ao desenvolvido, em suas casas otimizou nosso tempo e potencializou os resultados. No tocante ao grau de escolaridade, evidencia-se que 12% dos sujeitos frequentam o ensino fundamental I (1º ao 5º ano), o que totaliza 2 indivíduos, 25% cursa o ensino médio, total de 4 indivíduos e 63% dos sujeitos está cursando o ensino fundamental II (6º ao 9º ano), o que corresponde a 10 sujeitos.

Este breve perfil, nos informa um pouco sobre as identidades, as idades e espacializa territorialmente o leitor sobre os lugares/ comunidades/ sítios de origem dos “Pequenos Girassóis”. O envolvimento na construção das atividades bem como as críticas que surgiram durante o processo nos fez perceber que os jovens além de saberem fazer o que foi orquestrado coletivamente, queriam excelência nos resultados.

Os participantes realizam suas atividades construindo as práticas propositivas, e que tendem a desenvolver um senso crítico, que desconstruem determinados estereótipos, que foram disseminados historicamente, na região do semiárido nordestino.

O empoderamento juvenil, promovido com a implementação desta atividade, desperta um interesse nos sujeitos, em conceber suas culturas e seus cultivos, como elementos propulsores de outras formas de vivências nas comunidades em que residem, pois, os produtos culturais produzidos nos canteiros, além de possuir um valor simbólico, possuem consigo um valor econômico, que pode ser revertido em renda, para os partícipes do projeto.

Promover práticas pedagógicas que associam Educação ao trabalho, são condicionantes fundantes para o desenvolvimento de articulações entre teorias e práticas, imbricadas numa relação indissociável. Saberes e fazeres em constante permutação promove o desenvolvimento de um conhecimento que despertam outros olhares para o que antes, fora tido como fatalidade natural, a seca.

Os resultados obtidos foram a troca de conhecimento, a desenvoltura dos jovens e a participação dos adultos que são associados na organização acima citada, e, além disso, a gratificação de ver o projeto em andamento e saber que tivemos resultados exitosos, a ponto de tal participação desses jovens fazer mudar a rotina cotidiana da comunidade. A atividade teve início com a realização de um diálogo com os participantes do projeto, em seguida, realizou-se um mutirão comunitário com jovens da comunidade para a construção do canteiro econômico.

Ressaltamos que antes das atividades práticas, realizávamos uma formação com os jovens, a fim de potencializar um debate sobre os aspectos técnicos, Botânicos e sociais, que surgiriam com a implantação da tecnologia social de convivência com o semiárido, de modo que foi construindo também um cronograma de atividades que foram desenvolvidos a fim de garantir a produção de hortaliças.

O Compromisso e responsabilidade dos jovens com a manutenção e cumprimentos das atividades que precisavam ser desenvolvidas, com o propósito de assegurar a manutenção e desenvolvimento das hortaliças fez com que isso gerasse uma sintonia e diálogo entre os sujeitos envolvidos na ação, deste modo, fez se necessário o planejamento de encontro semanal, a fim de realizar o monitoramento do desenvolvimento do canteiro por parte dos mesmos.

Desenvolvimento

Educação do Campo, Educação Não Escolar e Pesquisa Participante possuem seus fundamentos teóricos, epistemológicos e princípios, e partindo de tal condição apresentaremos de forma sintética, brevíssimas definições, articuladas com nossos entendimentos e tentaremos tecer conexões com o território onde estamos inseridos, o Cariri Ocidental paraibano.

Traremos, de início para situar o leitor e tornar o texto o mais didático possível, o conceito, em seguida nosso entendimento e a *posteriori*, apresentaremos diálogos dos termos com o contexto caririzeiro. É importante situarmos o leitor temporal e espacialmente, para que suas compreensões sejam articuladas e dialoguem com as realidades dos sujeitos que expressaram suas ideias, anseios, angústias e impressões sobre os temas em questão.

Traçaremos nossas análises sobre o conceito de Educação do Campo apoiados nos escritos de Roseli Salette Caldart (2012) no livro dicionário de Educação do Campo, onde a mesma ressalta que a Educação do Campo nomeia um fenômeno da realidade brasileira na contemporaneidade, sendo que esta realidade é protagonizada pelos trabalhadores camponeses

e suas organizações, que possui por intuito incidir sobre a política de educação, apresentando e reivindicando os interesses sociais das comunidades camponesas (agricultores, ribeirinhos, ciganos, caiçaras, faxinalenses, quebradores de coco entre tantos outros povos e tantas organizações onde se destacam: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, Movimento dos Pequenos Agricultores, Movimento dos Atingidos por Barragem, Movimento das Mulheres Camponesas, Pastoral da Juventude Rural, Comissão Pastoral da Terra, Conselho Indigenista Missionário, Pescadores e Pescadoras Artesanais e Via Campesina).

Para se compreender o fenômeno da Educação do campo faz-se necessário articular objetivos e sujeitos que estão relacionados diretamente as questões do trabalho, da cultura, do conhecimento e das lutas sociais em territórios camponeses. Vale ressaltar ainda, o embate classista onde se acirram os projetos de campo em contraponto as lógicas do agronegócio, assim estreita-se o veículo entre Educação do campo e projeto de sociedade numa perspectiva da construção de políticas públicas que priorizam a formação humana do indivíduo.

Estabelecendo uma relação espacial entre o conceito citado e o contexto caririzeiro, no qual estamos inseridos ressaltamos que os embates são estabelecidos via órgãos normativos dos sistemas de ensino, noutras palavras, as secretarias de educação que priorizam uma concepção de ensino-aprendizagem, direcionada para os centros urbanos, nas sedes dos municípios. Assim cada escola situada fora da sede torna-se ponto e foco de resistência perante as lógicas de educação em vigência.

A permanência da escola situada no espaço camponês nem sempre garante que esta instituição desenvolva e priorize um projeto de educação que dialogue com a formação humana, assim não basta apenas a escola está no campo é importante que ela desenvolva práticas e ações educativas que priorizem acima de tudo, os sujeitos para qual ela se destina.

Para traçarmos nossa discussão sobre o conceito de Educação Não Escolar, nos apoiaremos na definição de Severo (2015) em que a educação não escolar corresponde a um termo cuja conceituação repousa em uma necessidade histórica e emergente de fortalecimento de práticas educativas.

De acordo com Severo (2015) os espaços formativos nem sempre se dão nos territórios convencionais, escolas. Existem diversas instituições não escolares, porém com interesses educativos em sua conjuntura que apresentam concepções, lógicas e ferramentas pedagógicas priorizando ações que manifestam um caráter instrutivo, educativo e pedagógico, onde um exemplo disso são as associações comunitárias nos bairros (zona urbana) e associações comunitárias em territórios camponeses, sindicatos, entre outros espaços.

As práticas pedagógicas desenvolvidas em espaços não escolares, não necessariamente precisam de um docente, mas sim de um indivíduo que esteja na condição de mediador, sem necessariamente existir um caráter hierárquico, mas acima de tudo que priorize o desenvolvimento e a construção de situações de aprendizagem em prol de um determinado tema, assunto ou ação. Podemos destacar como exemplo a atuação do presidente de uma associação comunitária, que dialoga e se articula com os associados em prol de melhorias estruturais para sua comunidade, reivindicando de órgãos públicos seus direitos.

Finalizamos nossas indagações sobre a Educação Não Escolar com os escritos de Severo (2015), quando o mesmo discorre que a Educação Não Escolar adquire caráter de processo pedagógico, quando suas intencionalidades são explicitadas e configuram modos da ação sistematizados com base numa concepção pedagógica que relaciona finalidades e metodologias educativas. Promovendo assim o que Freire (2005) denominou de práxis.

Sobre o último desafio, Pesquisa Participante, recorreremos às contribuições de Brandão e Borges (2007) que discorrem que a pesquisa participante tende a ser concebida como um instrumento, um método de ação científica ou um momento de um trabalho popular de dimensão pedagógica e política, quase sempre mais amplo e de maior continuidade do que a própria pesquisa. Existe uma relação mais que didática entre os sujeitos, desenvolvem-se coautorias nas pesquisas.

Seguindo com a perspectiva Brandão e Borges (2007) na pesquisa participante, sempre importa conhecer para formar pessoas motivadas a transformarem os cenários sociais de suas próprias vidas e destinos, seus contextos, territórios e lugares comuns. As abordagens de pesquisa participativa aspiram processos mais amplos e contínuos de construção progressiva de um saber mais partilhado, mais abrangente e mais sensível às origens do conhecimento popular. A ação do pesquisador que pleiteia realizar uma pesquisa participante deve estar fundamentada no que Freire (2000) denominou de humanismo pedagógico.

Torna-se uma tarefa hercúlea realizar uma pesquisa participante em sua essência, pois tal fato demanda tempo, coautoria, confiança e interesse de ambos os grupos e indivíduos envolvidos neste processo.

Muitos são os artigos, as monografias, as dissertações e até as teses que se dizem utilizar a metodologia da pesquisa participativa, porém, quando de fato se fazem as análises do que foi coletado, o trabalho foi praticamente de cunho ou caráter exploratório, ou noutras palavras, podemos dizer usurpador das informações alheias, sem o elemento estrutural deste tipo de pesquisa, que é o humanismo pedagógico, já citado.

No cariri paraibano a pesquisa participante assume um caráter amplo e coletivo, pois os indivíduos que se predispõem a participar desta empreitada assumem também o papel de autores dos trabalhos acadêmicos, haja vista o grau de interação, disponibilidade e humanismo para com aqueles que se deslocam nos territórios deste semiárido para garimpar verdadeiras preciosidades, que só o povo caririzeiro possui, sejam nos seus aspectos históricos, geográficos, culturais, políticos, econômicos e educativos.

Tentamos tecer comentários pontuais sobre os conceitos de Educação do Campo, Educação Não Escolar e Pesquisa Participante. Apresentamos de forma breve nossos entendimentos sobre tais terminologias, fundamentadas em autores que possuem leituras mais aprofundadas sobre os temas em questão e articulamos nossas análises a situações vivenciadas em nosso cotidiano. Queremos destacar que, independentemente do juízo de valor atribuído pelo leitor crítico, estes escritos são/foram impressões de situações cotidianas situadas espacialmente no Cariri Ocidental Paraibano, especificamente, em Sumé.

A permanência numa associação, situada no espaço campesino nem sempre garante que esta instituição desenvolva e priorize um projeto de educação que dialogue com a formação humana, assim não basta apenas a associação estar no campo, é importante que ela desenvolva práticas e ações educativas que priorizem acima de tudo, os sujeitos para qual ela se destina.

Resultados e discussão

Partindo do pressuposto de que quando as atividades e ações são construídas coletivamente, a probabilidade de sucesso torna-se elevada. Esta premissa estava implícita e explícita no decorrer dos processos desenvolvidos no Estágio Supervisionado, onde contamos constantemente com a colaboração da presidente da associação, em todos os momentos de idealização e execução das propostas educativas.

Sendo sabedores que os modos de vida no semiárido são condicionados a partir das formas de convivência e apropriação deste território, bem como das adversidades climáticas, temos como proposta com este relato de experiência apresentar as possibilidades de desenvolvimento de uma prática agroecológica, na referida associação comunitária, com os jovens de faixa etária compreendida entre 10 e 17 anos, residentes nestes territórios. Entendemos que, a busca de alternativa que consolide a permanência de jovens no campo do semiárido é tarefa importante para assegurar às referidas comunidades a sucessão geracional camponesa.

O fortalecimento de práticas ligadas a agroecologia, agricultura orgânica ou mesmo desenvolvimento sustentável, já desponta entre as possibilidades de trabalho a serem desenvolvidos nessa região. As tecnologias de convivência com o semiárido, foram se aperfeiçoando, e trazendo possibilidades de melhorias na condição de sobrevivência do Nordeste, caririzeiro e paraibano.

A prática agroecológica associada à convivência/permanência dos sujeitos camponeses em suas comunidades promove o desenvolvimento de um vínculo afetivo que se torna propulsor para pensar melhorias vinculadas aos usos dados às propriedades dos camponeses. O desenvolvimento de uma prática agroecológica, materializada a partir de uma associação comunitária, trás consigo, benefícios que ultrapassam as ações desenvolvidas no ato de construção da proposta, fortalecem os vínculos de pertencimento entre os indivíduos com suas comunidades, bem como os laços afetivos entre estes sujeitos.

Uma das vertentes que esta proposta educativa nos apresenta é a articulação da Agroecologia com a Educação do Campo, apresentado, também uma vertente Geográfica, pois, desenvolve-se uma consciência ecológica, pautada por uma lógica da Educação Ambiental e do associativismo.

Realizar análises sobre os conceitos de Educação do Campo, Educação Não Escolar e a Pesquisa Participante, articulando essas três condições/situações, de forma a estruturar um entendimento que venha a esclarecer o leitor sobre seus fundamentos, não é tarefa das mais fáceis, porém, partindo desse desafio, nos dispomos a realizar as ações para materialização do referido trabalho.

No projeto de estágio intitulado “Pequenos Girassóis e Grande Sementeiras”, pudemos perceber nos seus desdobramentos diversos desafios que foram enfrentados pelos sujeitos participantes, estagiários, jovens e presidente da associação. Listaremos os que mais impactaram nosso estudo, investigação e ação.

- Falta de recursos financeiros para a compra de sementes e materiais para a construção do sistema de irrigação subterrâneo;
- Deslocamento dos jovens que moravam em comunidades mais distantes: Bananeira, Balanço e Cabeça Branca;
- Falta de Regadores, insetos e pragas;
- Problemas no desenvolvimento do 1º canteiro. As sementes conseguidas não possuíam boa qualidade, tal fato atrasou o processo de crescimento.

- A questão do estrume/esterco. Necessitávamos de bastante água para realizarmos a lavagem deste material;
- Verbas para alimentação dos jovens durante a realização das atividades desenvolvidas;
- O retorno em segurança dos jovens, para suas residências, após, a realização de todas as atividades;
- Mediação das atividades. Em determinados momentos os adolescentes discutiam sobre suas atribuições e responsabilidades.

Destacamos, que mesmo com uma série de desafios que foram enfrentados durante nosso percurso formativo, ressaltamos que o fato de nos domingos a partir das 08h00min da manhã, jovens que poderiam estar fazendo qualquer outra coisa (dormindo, jogando futebol, assistindo), estavam empenhados no desenvolvimento de atividades na associação. E sempre ao chegarmos ao referido espaço formativo, nos deparávamos com os olhares ansiosos dos jovens aguardando o início dos trabalhos. Tal fato sempre nos motivava.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Estágio Curricular Supervisionado em espaço não escolar, ofertado no curso de Licenciatura em Educação do Campo, na Universidade Federal de Campina Grande no Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido - UFCG/CDSA proporciona ao estagiário uma visão ampla sobre os processos que envolvem as demandas educativas em ambiente não escolar, colaborando para uma formação que desperta no estudante de graduação um posicionamento crítico e atuante frente às demandas noutros espaços educativos.

As práticas e experiências técnicas e pedagógicas foram desenvolvidas na já citada associação comunitária (ASCOBODABCAB), com jovens que residem nas comunidades Olho D'água Branca, Cabeça Branca, Bananeira e Sitio Balanço, todas estas localizadas na zona rural do município de Sumé, microrregião do Cariri Ocidental paraibano.

As atividades tiveram início com a realização de um mutirão comunitário com jovens da comunidade para a construção de um canteiro econômico e agroecológico. Proposta esta, que surgiu na primeira reunião, realizada com os responsáveis pelos jovens.

Antes da efetivação da prática foi desenvolvida uma formação com os sujeitos envolvidos, a fim de promover um debate sobre os aspectos técnicos, botânicos e sociais da tecnologia que, veio a ser implantada, de modo que foi construindo também um cronograma de atividades que foram implementadas com o intuito de garantir a produção de hortaliças na tecnologia construída coletivamente.

Este estágio nos trouxe desafios, porém, a cada realização das demandas, erámos instigados pelos próprios jovens a melhorarmos nossas atividades e nossos modos de ser e agir, saber e fazer. Aprendemos e ensinamos de forma mútua. Construiu-se uma práxis significativa onde os envolvidos tornaram-se aprendentes no cotidiano de suas ações.

Os diálogos realizados e as ações materializadas com a construção dos canteiros agroecológicos nos proporcionaram aprendizados significativos, pois, os indivíduos envolvidos traziam consigo conhecimentos do cotidiano, fato este que aperfeiçoou nossas ações e melhorou significativamente as propostas do projeto inicial.

Construir práticas colaborativas numa associação comunitária rural nos motivou a analisar nossa condição de professores e professoras. Percepções, escutas atentas e sensibilidades pode e devem ser ferramentas constantes de nossas práticas educativas cotidianas.

Compreender que o conhecimento quando desenvolvido numa relação de igualdade entre os sujeitos participantes neste projeto promoveu uma melhor interação entre os indivíduos e destes com o ambiente da associação, fato que antes do projeto fora relatado pelos jovens que não se sentiam pertencentes a mesma. Continuemos preparando a terra, semeando e que consigamos colher os frutos organicamente, livre de agrotóxicos.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **O que é um estudo de caso qualitativo em educação?** *Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 22, n. 40, 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/view/753>>. Acesso em: 21/06/2019.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; BORGES, Maristela Correa. **A pesquisa participante: um momento da educação popular.** *Rev. Ed. Popular*, Uberlândia, v. 6, p.51-62. jan./dez. 2007.

CALDART, Roseli Salete. *et al.* **Dicionário da Educação do Campo.** Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança.** 7. Ed. São Paulo, Paz e Terra. 2000.

_____. **Pedagogia do Oprimido.** 42. Ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra; 2005.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber:** manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Tradução Heloisa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima. **Educação não escolar como campo de práticas pedagógicas.** *Rev. Bras. Estud. Pedagógicos.* (online), Brasília, v. 96, n. 244, p. 561-576, set./dez. 2015.